

SARAMAGO OU DA ESCRITA COMO EXISTÊNCIA E LEGADO

Naiara Barrozo (2023)
José Saramago leitor de Montaigne.
A presença dos Ensaíais nos Cadernos de Lanzarote
(Rio de Janeiro: 7 Letras)

Os anos de 2022 e de 2023 foram prodigiosos para a fortuna crítica em torno da obra de José Saramago.

Em 2022 celebrámos o centenário do autor de *Memorial do Convento*. Durante 2023 comemoraram-se os 25 anos da entrega do Prémio Nobel da Literatura, único a ser atribuído, até hoje, a um autor do mundo da língua portuguesa.

Entre edições especiais, homenagens, congressos, lançamentos de teses e de ensaios literários, *José Saramago leitor de Montaigne*, editado pela 7 Letras, e indicado ao Jabuti acadêmico de filosofia 2024, encontra-se entre as publicações que versam sobre uma temática e um campo da obra saramaguiana que ainda tem largo e vasto espaço de reflexão: a leitura dos *Cadernos de Lanzarote*.

Neste seu estudo, fruto da tese de doutoramento, Naiara Barrozo pretende demonstrar e «perceber como o escritor do século xx assimila pontos importantes trazidos por um escritor do século xvi extremamente atual, para lidar com questões que o movem» (22).

Se a bibliografia principal saramaguiana será composta pelos *Cadernos de Lanzarote*, *Cadernos de Lanzarote II* e pelo *Último Caderno de Lanzarote*, já a obra de referência de Montaigne será os *Ensaíais*.

Logo nas primeiras páginas, Naiara Barrozo introduz não só os autores que pretende estudar, como também expõe de forma clara e objetiva os teóricos a partir dos quais desenvolverá as suas reflexões. Sobre aqueles, lemos que

Voltaire-Montaigne apareceram incontáveis vezes como paradigmas. Voltaire é o iluminista, racionalista, newtoniano; o homem que conseguiu perceber os problemas do mundo, com quem Saramago se identifica enquanto homem de letras que é. Já Montaigne é o ensaísta. É quem ele observa para aprender os fundamentos

de algo que ele mesmo diz que nunca vai escrever, mas a que várias vezes afirma aspirar: o ensaio (21).

Já sobre estes, a ensaísta escreve que

Vamos seguir o caminho apontado por Peter Burke (2008a) na conferência intitulada «*Montaigne and the idea of essay*», para quem o ensaio não tem uma essência, mas é, antes de tudo, o encontro de quatro tipos textuais comuns no período, que Montaigne teria escolhido deliberadamente para manipular em seu projeto, a saber: o discurso, a antologia, o diálogo e a carta (22).

Para além de Burke, surgirão outros teóricos como Jesús de Navarro Reyes, a partir da obra de 2008 «*Pensar sin certezas: Montaigne y el arte de conversar*», e ainda de Jean Starobinsky (1992), «*Montaigne em Movimento*» (23). É curioso pensarmos que José Saramago pensou e escreveu em momentos diversos sobre a questão da escrita e da reflexão literária ou humanística através do género ensaístico, o que revela que o «cronista e cidadão é também um ensaísta imbuído da mais completa humanidade» (Vieira 2023).

Para tal, basta lembrarmos, a título de exemplo, as palavras que o Nobel português disse a Carlos Reis em *Diálogos com José Saramago*: «provavelmente não sou um romancista; provavelmente eu sou um ensaísta que preciso de escrever romances porque não sabe escrever ensaios» (Reis 2015: 50).

Porém, o objeto de estudo aqui será centrado nos *Cadernos de Lanzarote*, que parecem surgir, de acordo com Barrozo, como o

[...] único projeto de Saramago no qual o autor estará, de fato, integralmente em sua obra. Mais do que qualquer outra configuração literária, enquanto vive, ao observá-la, José Saramago irá se reencontrar, reconhecer-se e conhecer-se. Mas, após a sua morte, é ali que a sua existência irá continuar habitando o mundo. A escrita ensaística criada por Montaigne e assimilada por Saramago apresenta-se, assim, como uma escrita essencialmente afetiva, capaz de engendrar corpos afetivos (os livros) que continuam enfrentando a morte amorosamente (119).

A leitura do livro torna-se cativante porque a autora, ao pretender focar-se e pensar sobre três dos quatro tipos textuais comuns no século XVI — a antologia, o diálogo e as cartas —, consegue também ilustrar como essas tipologias surgem a *pari passu* nos *Cadernos de Lanzarote*.

Sobre a antologia, podemos ler entre as páginas 44 e 59 que, para além de recuperar a estratégia de Montaigne, Saramago acrescenta mais duas estratégias que são utilizadas para dar unidade ao texto. São elas a cronologia ou sequência de datas (44) e ainda a anáfora (48). Para isso, a autora recorre a exemplos dos *Cadernos de Lanzarote* de modo a exemplificar como essa estratégia ajuda a costurar «a unidade de elaboração antológica» (48). É, pois, no texto saramaguiano que encontramos a reflexão sobre a natureza do ensaio, que Naiara Barrozo irá utilizar para consolidar a sua tese e a noção de antologia como tipologia textual ou subgénero integrante de um grande género que seria o ensaio. Escreve Saramago a propósito do ensaio em *Cadernos de Lanzarote II*: «um lugar capaz de acolher toda a experiência humana, um oceano que receberia, e onde de algum modo se unificariam as águas afluentes da poesia, do drama, da filosofia, das artes e das ciências» (Saramago 1999: 212).

No que diz respeito ao diálogo e aos aspetos dialógicos presentes nos *Ensaïos* de Montaigne e nos *Cadernos* de José Saramago, cumpre referir, tal como no que ficou pensado sobre a antologia, que neste caso também estamos perante uma hibridiz formal que compreende vários géneros.

No entanto, no que a Saramago concerne, Naiara Barrozo foca a sua atenção, e a nosso ver de forma pertinente e arejada, na questão da correspondência dos leitores com Saramago e no diálogo entre esses e o futuro leitor dos *Cadernos*, mas também dos romances, conjugando, assim, as cartas e o diálogo. Desse modo, os diários de Saramago

[...] nos ensinam como ler os romances. Ele faz isso mostrando caminhos apontados pela recepção, sem explicá-los. Os registros nos colocam em diálogo com outros leitores que figuram como leitores-modelo do autor, que vão nos mostrando possibilidades de relação com o texto (59).

Mas o diálogo continua e abarca pensadores e escritores que «o antecedem por meio da citação, como Ortega y Gasset, Marx, Pessoa e o próprio Montaigne» (62).

Para além das semelhanças entre a escrita de Montaigne e a escrita de Saramago, no que à tipologia do ensaio presente nos *Cadernos de Lanzarote* diz respeito, Barrozo evidencia ainda as diferenças entre os dois autores, o que torna o texto mais completo e redondo.

Sendo a escrita um prolongamento da existência, a verdade é que ela surgirá nos dois casos de maneira diversa e até oposta, o que não deixa de enri-

quecer a visão do leitor e do estudioso a propósito dos autores analisados. Para Montaigne, não importa a duração de uma vida, pois ela será sempre completa, já para o autor de *Levantado do Chão* não importa se morremos com 90 anos, a «nossa vida termina sempre antes do tempo» (108). Se à primeira vista esta oposição parece afastá-los, acontece que para haver esse afastamento de posições tornou-se necessário que Saramago lesse o autor francês. Ora, essa leitura apresenta-se também como uma aproximação e um reconhecimento, uma interiorização das ideias de outro. Uma sobrevivência literária, reconhecida e apreendida, ainda que do avesso. Escreve a crítica:

[...] ele expande o que vê em Montaigne, atuando em várias frentes. Situado duas: ele é personagem e narrador dos diários, relacionando-se com os outros narradores e personagens de seus próprios romances a partir desta posição; além disso, ele atua como destinatário das cartas de leitores, com as quais conversa a partir dos comentários que inclui e de algumas respostas epistolares que nos mostra nos *Cadernos*. Ao contrário do que acontece nos *Ensaios*, o trabalho do escritor português constitui um «diário de bordo» (62-63).

Dá-se, pois, a partir desse prolongamento da existência pela escrita, sobretudo pela amizade, como um «processo contínuo de consubstanciação» (74).

Grosso modo, as últimas 35 páginas do livro serão dedicadas à reflexão sobre a amizade, a extensão de si e o prolongamento da existência.

Para o autor de *Ensaios*, o amor é «antes de mais nada um desejo violento do que nos escapa» (76). Já para Saramago, a amizade é vista como um critério que «deve mediar a relação do leitor com o seu projeto; define, portanto, o estabelecimento de um vínculo afetivo como um fator central para a efetivação da leitura» (96).

Uma vez mais, o leitor ocupa um lugar importante na economia da escrita dos *Cadernos*. A este propósito, Naiara Barrozo dá como exemplo dessa amizade e do leitor que cria um vínculo, os relatos de Pilar del Río, introduzidos num dos *Cadernos de Lanzarote*, aquando da visita ao Brasil para receber o Prémio Camões.

Cabe referir a importância que tanto Montaigne como Saramago atribuem à amizade, pois só assim faz sentido o exemplo de Pilar, testemunho dessa unidade consubstanciada através do amor, mas também da amizade e do que é difícil de definir. A união de duas almas que se identificam e reconhecem perante o mundo.

A partir das leituras das entradas de Pilar nos *Cadernos*, «ela se torna um espelho. Para nós, uma superfície cuja existência podemos perceber, mas que é dotada de uma transparência tal que conseguimos observá-lo através dela» (98).

O registo de Pilar torna-se, pois, num prolongamento literário, tal como toda a outra escrita, que surge como resistência, combate, sobrevivência e legado.

Regressando ao texto, lemos ainda que

Quando Saramago (1997) olha para o seu presente, ele não vislumbra nem a possibilidade de ser memória de si, porque a sua vida está no fim, nem de ser memória dos outros, porque eles estão distantes. Nesse sentido, o maior enfrentamento da finitude parece ser gerar um corpo externo capaz de reter o tempo. O diário é uma forma de fazer isso. [...] no diário, tudo se torna sinal textual de si. O registo inscreve o homem no texto como autor, narrador e personagem. A substância do seu livro é, assim, a mesma que a forma. Ele é, portanto, consubstancial à sua obra (110-111).

De realçar a escrita clara, objetiva e escorreita de Naiara Barrozo que, através de assuntos tão intrincados e partindo de pressupostos filosófico-ideológicos tão abrangentes, consegue captar a atenção e o interesse do leitor e do estudioso. Falando e abordando temas tão complexos e densos, a autora consegue torná-los acessíveis e simples sem cair no simplismo, criando ainda um pensamento crítico que se quer no texto académico sem, contudo, cair jamais na melancolia do academismo.

A leitura de *José Saramago leitor de Montaigne* permite aprofundar a ideia da escrita como existência e legado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- REIS, Carlos (2015). *Diálogos com José Saramago*. Porto: Porto Editora.
- REYES, Jesús Navarro (2007). *Pensar sin certezas. Montaigne y el arte de conversar*. Madrid: Fondo Económico de Cultura de España.
- SARAMAGO, José. (1999) *Cardernos de Lanzarote II*. São Paulo: Companhia das Letras.
- STAROBINSKY, Jean. (1992). *Montaigne em movimento*. São Paulo: Companhia das Letras.

VIEIRA, José (2023). «*Deste mundo e do outro: um Saramago em botão.*» *Reflexos: Revue Pluridisciplinaire du Monde Lusophone*, 7 [em linha] [30 maio 2024]. <<https://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/1560#tocfrom111>>

JOSÉ VIEIRA
Universidade de Lisboa
Jose-cvieira@outlook.pt



Copyright © José Vieira, 2024. This document is under a Creative Commons Attribution-Non commercial-No Derivative Works 3.0 Unported License. To see a copy of this license click here <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/legalcode>.